

Camila Daniel¹

***A AFROPERUANIDAD COMO IDENTIDADE
HEMISFÉRICA: A CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES RACIAIS POLÍTICAS NA
EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA NEGRA***

***AFROPERUVIANESS AS A HEMISPHERIC
IDENTITY: THE CONSTRUCT OF RACIAL
AND POLITICAL IDENTITIES IN THE BLACK
MIGRATORY EXPERIENCE***

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, email: camiladaniell@gmail.com.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a construção das identidades afro-peruanas no contexto de imigração. Tal processo envolve negociações entre a realidade peruana; a articulação - política, cultural e afetiva - com africanos e outros afrodescendentes nas Américas e suas próprias experiências migratórias (DANIEL, 2013a) como racializados. Proponho um debate sobre como as pessoas afro-peruanas vivendo nos Estados Unidos constroem caminhos próprios para se afirmarem como tais, a partir de um processo político de questionar o status quo que invisibiliza a diversidade étnica e nacional da população negra nos Estados Unidos e a diversidade racial da população imigrante peruana. Almejo, assim, contribuir para o reconhecimento das subjetividades e agência dos afro-peruanos na sua pluralidade, assim como desvelar as formas - abertas e veladas - do racismo anti-negro nas Américas e os limites produzidos pelas identidade nacionais. Na imigração, as pessoas afro-peruanas se tornam agentes no processo de ampliar as possibilidades tanto de ser peruano, como de ser afrodescendente.

PALAVRAS-CHAVE: identidade racial; amefricanidade; Peru; experiência migratória.

ABSTRACT

This paper reflects on the construction of Afro-Peruvian identities in the context of immigration. Such a process involves negotiations between the Peruvian reality; the - political, cultural and affective - articulation with Africans and other Afro-descendants in the Americas and their own migratory experiences (DANIEL, 2013a) as racialized people. I propose a debate on how Afro-Peruvian people living in the United States build their own ways to affirm their Black identity. It is a political process of questioning the status quo that makes both the ethnic and national diversity of the Black population in the United States and the racial diversity of Peruvian immigrant population invisible. I aim, therefore, to contribute to the recognition of the subjectivities and agency of Afro-Peruvians in their plurality, as well as to reveal the open and veiled forms of anti-black racism in the Americas and the limits produced by national identities. In immigration, Afro-Peruvian people become agents in the process of expanding the possibilities of both being Peruvian and being of African descent.

KEYWORDS: racial identity; amefricanity; Peru; migratory experience.

INTRODUÇÃO

Embora a raça não exista como fenômeno biológico, o racismo continua a estruturar as relações de poder nacional e globalmente, privilegiando àqueles mais próximos à branquitude em detrimento dos “outros”. No caso latino-americano, tal realidade é escamoteada pela ideologia da mestiçagem. Considerando a mistura cultural e biológica uma prova da ausência de racismo, ela costuma ser comparada com a formação racial estadunidense, onde a miscigenação foi historicamente reprimida, chegando a ser controlada por lei. Gonzalez explica que tanto a América Latina quanto os Estados Unidos tem seus projetos nacionais baseados no racismo, atribuindo às contribuições negras o papel de subalternidade. Enquanto no caso estadunidense os negros foram empurrados para fora do projeto nacional - e a branquitude se estabeleceu como identidade nacional hegemônica (HARRISON, 1995) -, os países latino-americanos estimularam uma inserção subalternizada dos negros por meio de uma política de mestiçagem que escamoteava o branqueamento (GONZALEZ, 1988).

No caso das populações afrodescendentes no Peru, as desigualdades raciais são agravadas por dois fatos: o primeiro é o imaginário nacional hegemônico. Em alguns momentos, ele empurra as pessoas afro-peruanas para fora do projeto nacional peruano ao imaginá-las como pessoas estrangeiras. Em outros, reduzem sua presença à um papel folclórico, subserviente e recreativo, que na contemporaneidade assume a forma do multiculturalismo neoliberal; o segundo é o fato da população afro-peruana se configurar como uma minoria numérica, o que muitas vezes dificulta sua capacidade de se organizar politicamente e intervir nas estruturas que reproduzem o racismo.

Apesar disso, as populações afro-peruanas têm elaborado diferentes estratégias para evitar seu apagamento e reivindicar direitos. O processo de afirmação da *afroperuanidad* como uma identidade política tem profundas articulações com a mobilização afro-peruana para além das fronteiras nacionais, como um processo que renova e contextualiza os sentidos de diáspora africana no Peru. Este artigo tem como objetivo refletir sobre a construção das identidades afro-peruanas como um processo que envolve negociações entre a realidade peruana; a articulação - política, cultural e afetiva - com africanos e outros afrodescendentes nas Américas e suas experiências migratórias¹. Explorando o potencial analítico da comparação e desafiando o nacionalismo metodológico, almejo contribuir para o reconhecimento das subjetividades e agência dos afro-peruanos, na sua pluralidade, assim como desvelar as formas - abertas e veladas - de racismo anti-negro reproduzido pela sociedade peruana no Peru e nos Estados Unidos e as alternativas propiciadas pela imigração. Para realizar tal proposta, tomo como referência a categoria político-cultural “amefricanidade”, de Lélia Gonzalez (1988), que questiona o racismo das elites latinoamericanas e propõe repensar o continente a partir das contribuições negras.

¹ Daniel (2013a) define a experiência migratória como “um conjunto de vivências que, propiciadas pelo deslocamento simultâneo por diferentes espaços simbólicos e geográficos, permitem que os indivíduos lancem um olhar crítico sobre si, suas práticas, o país de origem e de destino”(p.16).

Como estudo de caso, analisarei a experiência migratória Jaime e Amanda, duas pessoas afro-peruanas que moram nos Estados Unidos. Esta análise será realizada em diálogo com a minha própria posicionalidade nas estruturas transnacionais de poder como mulher negra acadêmica brasileira realizando trabalho de campo com peruanos e peruanas no Brasil (2011 - 2017) e nos Estados Unidos (2016). Compreendo as identidades afro-peruanas como plurais, dialógicas e diaspóricas, que se (re)constroem principalmente nas conexões com pessoas peruanas não-negras e pessoas negras de outras nacionalidades. Assim, os afro-peruanos participam da elaboração de imaginários contrahegemônicos sobre o ser negro e o ser peruano que desafiam o racismo nas Américas.

CORPOS NEGROS EM TRÂNSITO

Em fevereiro de 2019, fiz mais uma viagem para o Peru. Desde 2011, quando comecei meu trabalho de campo sobre a imigração peruana no Rio de Janeiro, viajar para o Peru se tornou parte da minha rotina anual. Conviver com os peruanos no Rio de Janeiro e viajar para o Peru, visitando suas cidades de origem, se tornou uma maneira de, mais que fazer trabalho de campo, me localizar no mapa da América Latina. Dessa vez, a viagem foi para realizar um trabalho de campo sobre o Tondero, dança folclórica do norte do Peru que eu aprendi com o grupo de danças folclóricas peruanas que existia no Rio de Janeiro. Na passagem por Lima, fui convidada para conhecer a Dirección de Políticas para Población Afroperuana (DPPA) do Ministério da Cultura. Fiquei comovida com o convite. Aproximar-se da mobilização dos afro-peruanos como sujeitos políticos tem um valor muito significativo para mim. Como mulher negra, meu contato com os peruanos tanto no Rio de Janeiro, tanto no Peru sempre foi permeado pela raça e o racismo. Meu corpo negro sempre é alvo de comentários, olhares e avaliações - às vezes elogiosos, outras vezes aviltantes - a despeito da minha vontade, estado de espírito ou humor, nos mais variados locais e circunstâncias. Uma vez, em 2012, meu quadril recebeu elogios de uma mulher branca enquanto eu lavava as mãos no banheiro do aeroporto Jorge Chávez, logo depois de desembarcar do Rio de Janeiro. Naquela ocasião, eu agradei o elogio, sem pensar muito. Hoje, fico pensando o que faz uma desconhecida pensar que eu estaria interessada em saber sua opinião sobre o meu corpo. Em primeiro lugar, por que ela estava analisando meu corpo com seu olhar cirúrgico?

Quando cheguei no Ministerio da Cultura, fui instruída a subir até o andar onde funciona o escritório da DPPA e me identificar para o segurança cujo posto ficava na entrada. Assim fiz. "Bom tarde, eu sou Camila Daniel. Tenho um horário marcado na Dirección de Políticas para Población Afroperuana", informei em espanhol, ao segurança. "Sí, señorita", me respondeu o simpático segurança, que, logo em seguida, me perguntou qual era minha profissão. "Profesora", respondi. Entendendo meu espanhol apesar do sotaque, o segurança sentenciou com um sincero entusiasmo: "*profesora de danza!*". Franzindo meu rosto em surpresa, respondi: "*Danza?! Danza?! No! Sociología!*"

Jaime é um dos muitos afro-peruanos que moram na área de Washington D.C. Formado em Direito, sua trajetória como ativista contra o racismo anti-negro no Peru e sua experiência profissional o levaram a se tornar membro de uma organização internacional interestatal cuja sede está localizada na capital estadunidense. Certa vez, ele foi convidado para dar uma palestra no consulado do Peru em Washington D.C. À vontade na elegância de seu termo e gravata, Jaime aguardava o início do evento. De repente, um peruano se aproxima dele. “Ah! É você quem vai tocar cajón² hoje?”. Cordialmente perguntou-lhe o senhor. Jaime me contou esse caso quando interroguei porque ele não frequentava os eventos peruanos. Jaime me contou que, nos primeiros anos morando nos Estados Unidos, chegou a participar de eventos peruanos, mas cansou. Ele já não estava disposto a lidar com a “sutileza” do racismo que levou seu compatriota ter a certeza de que Jaime não poderia desempenhar outro papel no evento peruano a não ser tocar cajón.

Minha breve interação com o segurança na entrada da DPPA e a de Jaime com o senhor peruano no consulado do Peru em Washington está repletos de simbolismo. Essa não tinha sido a primeira, nem foi a última vez, que um peruano desconhecido me perguntou se eu danço. Na minha interação com peruanos - no Peru, no Brasil e nos Estados Unidos -, eu já ouvi essa pergunta tantas vezes que eu nem posso contar. Jaime também já foi indagado incontáveis vezes se ele é dançarino, músico ou jogador de futebol. Apesar da singeleza das perguntas, elas estão submersas no racismo peruano. Muitas vezes silencioso, sorrateiro, simpático e amigável, ele atribui aos corpos socialmente lidos como negros um lugar de subalternidade que desumaniza as pessoas negras, reativando no presente a memória do latifúndio escravocrata, a “ferida colonial” (KILOMBA, 2019). Ao perguntar se Jaime era o músico que tocaria cajón naquela noite, aquele senhor estava exercendo o poder que a sociedade peruana lhe conferiu para exotizar Jaime, engessá-lo no lugar do folclórico. O mesmo aconteceu comigo quando o segurança afirmou como toda certeza que eu seria professora de dança.

A dança e a música, assim como o esporte e a culinária tradicional foram e ainda são os espaços sociais historicamente fundamentais na ascensão social de pessoas afro-peruanas. Tal realidade remete à herança da escravização e ao pós-independência. Mesmo após liberto, às populações afro-peruanas não foram garantidas políticas públicas para sua inclusão no projeto nacional como sujeitos plenos de vida e direitos. Assim, as oportunidades das pessoas afro-peruanas se inserirem no mercado de trabalho e na vida republicana foram severamente limitadas pelas estruturas racistas (NGOM, 2010).

Além disso, a notoriedade dos afro-peruanos na dança, na música, no esporte e na culinária é associada com habilidades inatas aos afrodescendentes, ignorando-se o racismo estrutural que manteve a desigualdade no acesso das pessoas afro-peruanas a outros espaços sociais e também o investimento físico e intelectual dos afro-peruanos e das afro-peruanas que se dedicam a estas ativi-

² Instrumento musical percussivo de origem afro-peruana.

dades profissionalmente. Por outro lado, a música, a dança e a culinária afro-peruanas não são reconhecidas como saberes tão relevantes quanto os propagados pela ciência moderna, ou ainda como formas contra-hegemônicas de ação política, assim como o blues produzido pelas mulheres negras das classes populares dos Estados Unidos (COLLINS, 2016).

Mesmo eu não sendo peruana, meu corpo negro foi lido e categorizado de acordo com o lugar atribuído às pessoas afro-peruanas. Em muitas outras interações com peruanos e peruanas no Brasil, no Peru e nos Estados Unidos, eu fui comparada com pessoas afro-peruanas. Outras vezes, já fui imaginada como dominicana e estadunidense, ou seja, como estrangeira, assim como muitas vezes acontece com os próprios afro-peruanos com traços fenotípicos negros mais evidentes - como, por exemplo, a pele escura, cabelo crespo, corpo curvilíneo. Ser uma mulher negra brasileira com traços negros visíveis que fala espanhol configurou o lócus epistêmico que tornou possível o diálogo entre eu, Amanda e Jaime, quando nos conhecemos em Washington D.C em 2016 durante meu pós-doutorado. Circular por espaços afro-latinos e compartilhar da sensação de que temos, em alguma medida, experiências comuns foram centrais para o processo de pesquisa no contexto estadunidense.

PESSOAS AFRO-PERUANAS NO PLURAL: IDENTIDADE E CULTURA MIGRATÓRIA

Amanda e eu nos conhecemos no evento em homenagem ao mês da história negra realizado no Consulado do Peru e nos vimos algumas outras vezes nas reuniões de afro-latinos. Nós não chegamos a falar muito nesses eventos, mas o fato de nós duas sermos negras - com pele marrom tom mogno e corpo curvilíneo -, falarmos espanhol e frequentarmos estes eventos afro-latinos preparou o terreno para que ela aceitasse participar da minha pesquisa. Amanda é mestre em Políticas Públicas e no momento da entrevista tinha 33 anos. Ela nasceu nos Estados Unidos, filhas de pais afro-peruanos, por isso, se identifica como afro-peruana e também como americana. O pai de Amanda foi o primeiro a imigrar, assim que terminou o Ensino Médio, em 1969. Sua mãe emigrou 9 anos depois, quando terminou o ensino universitário.

O pai e mãe de Amanda são originalmente de Lima: o pai de Lince, a mãe de La Victoria. Sua família paterna é de Callao, região metropolitana de Lima, e a materna de Cañete, província de importante presença afro-peruana ao sul da capital do Peru. O seu pai foi incentivado a imigrar porque já tinha uma tia e dois primos nos Estados Unidos que aceitaram recebê-lo.

O jovem, naquela época com 17 anos, considerou uma boa ideia. Ele já tinha um interesse nos Estados Unidos pelo movimento negro americano, o movimento de orgulho negro que era novo para ele e o deixava fascinado. Já a mãe de Amanda emigrou para os Estados Unidos em 1978, para acompanhar o namorado que, naquela data, já tinha a cidadania americana. Para ela, a experiência migrató-

ria foi mais complexa, pois envolveu abrir mão da trajetória que já havia construído no Peru. A mãe de Amanda foi integrante do Grupo Perú Negro³ por 6 anos. Ao longo desse período, ela desenvolveu sua identidade racial como afro-peruana, cultivando o orgulho de ser negra e representar a *afroperuanidad* publicamente no Peru e no exterior. Deixando os holofotes da carreira artística, ela embarcou rumo aos Estados Unidos, onde começou a trabalhar como operária numa fábrica em New Jersey.

Desde meados do século XX, a migração interna de populações da Serra do país em direção à Costa, principalmente para a capital Lima, provocou mudanças profundas na organização étnico-racial do Peru, tornando o espaço da cidade mais diverso, mas também deixando as desigualdades sociais, políticas e raciais mais evidentes.

Os fluxos de migração interna de inícios do século XX foram intensificados nas duas últimas décadas do século, juntamente com a expansão dos fluxos para o exterior. Este período também foi marcado por uma profunda crise econômica, que culminou com a implementação de políticas neoliberais. O período ainda foi caracterizado por uma profunda instabilidade política, com a ação organizada de grupo políticos armados, como o Sendero Luminoso e a implantação do auto-golpe de Alberto Fujimori (DANIEL, 2013a). Diante deste cenário, o número de peruanos emigrando aumentou significativamente.

É interessante observar que os pais da Amanda emigraram para os Estados Unidos, principal destino da imigração peruana, num período anterior à fase em que ela se torna um fenômeno de massa. Analisando o processo histórico da imigração peruana, Altamirano (2000a) observa que já na década de 1960, um grupo de peruanos que trabalhava em empresas americanas instaladas no Peru foi convidado para trabalhar na mesma empresa, mas em solo americano, na área de New Jersey. Lá, os peruanos estabeleceram redes de apoio que permitiram a imigração de outros peruanos, a ponto de se tornar um fenômeno massivo. Paterson, cidade industrial localizada em New Jersey, é hoje reconhecida pela concentração de população peruana.

Embora muitos pesquisadores tenham se debruçado sobre a imigração peruana nos Estados Unidos (ALTAMIRANO, 2000a; BERG, 2015; PAERREGARD, 2008), país que recebe mais de 50% dos imigrantes peruanos, tal literatura não estabelece uma conexão com a questão racial na perspectiva negra, a partir da experiência migratória das pessoas afro-peruanas. O pai de Amanda, por exemplo, acompanhou ativamente o movimento negro estadunidense por direitos civis até a implementação da política de ação afirmativa e foi beneficiado por ela. Ele se formou em Engenharia Eletrônica pela universidade de Princeton nos anos 70 com apoio de uma bolsa de ação afirmativa.

Já sua mãe chegou aos EUA formada por uma universidade peruana, mas não conseguiu validar o diploma. Enfrentando a colonialidade do saber (QUIJANO, 2000), uma vez que o conhecimento que ela adquiriu na universidade pe-

³ Sobre o papel do Perú Negro na pesquisa sobre as tradições culturais afro-peruanas ver Feldman (2009).

ruana não foi validado pelo sistema de ensino estadunidense, ela voltou para a sala de aula, se formando em Psicologia. Depois da graduação, ingressou no mestrado. Quando entrevistei Amanda, sua mãe estava terminando o doutorado. Amanda reconhece que, para sua mãe, a imigração para os Estados Unidos foi um processo mais doloroso que para o pai. Ele estabeleceu as bases de sua vida adulta nos Estados Unidos, inclusive construindo sua identidade negra num diálogo mais próximo com o movimento negro estadunidense que o movimento afro-peruano. Já a mãe já havia construído uma vida educacional e artística no Peru que não foi reconhecida nos Estados Unidos. Além disso, a sua identidade negra tinha como base a experiência afro-peruana e não a estadunidense, o que provavelmente também complexificou suas possibilidades de se sentir acolhida nos Estados Unidos.

Diferentemente de Amanda, cujos o pai e mãe são afro-peruanos, Jaime pertence a uma família interracial: seu pai era negro e sua mãe é *mestiza*⁴. Seu pai era afro-peruano e faleceu quando Jaime tinha 9 anos. Ele não tinha um contato próximo com sua família paterna, mas sabia que seus tios paternos moravam nos Estados Unidos. Seus avós moravam em Lima, mas também eram migrantes internos. Seu avô vivia numa antiga fazenda em San Martin de Porres, num distrito do departamento de Lima, mas a sua família tem origem em Ica, ao sul da capital. Sua avó nasceu em Chincha, localidade também ao sul de Lima reconhecida como um importante reduto da história e da cultura afro-peruanas. No entanto, Jaime explica que o seu processo para construir sua identidade afro-peruana não teve tanto influência da família, como no caso de Amanda. Os membros da família com quem teve contato não assumiam uma posição crítica diante da *afroperuanidad*.

Uma questão discutida nos trabalhos sobre a imigração peruana que se tornou um fenômeno de massa nas últimas duas décadas do século XX; é a construção do que Enrique, imigrante peruano que mora no Rio de Janeiro há mais de 20 anos, denominou como “cultura migratória” (DANIEL, 2013b). Enrique explica que a migração interna em grande proporções em meados do século provocou profundas transformações nas famílias peruanas, preparando o terreno para o crescente fluxo de emigração de décadas mais tardes. A migração interna, ocorrida predominantemente das zonas rurais da Serra para as zonas urbanas da Costa do país, exigiam dos migrantes a elaboração de estratégias para lidar com as dimensões culturais, subjetivas, políticas e materiais do fluxo migratório (ALTAMIRANO, 2000b). Refletindo sobre a própria experiência de ter nascido em Cusco, na Serra sul do Peru e migrado para Tacna, no litoral, antes de finalmente ir para o Brasil em 1996, Enrique analisa que as migrações internas produziram uma espécie de acúmulo familiar, um capital que tornou a emigração uma opção no horizonte de possibilidades dos peruanos, principalmente a partir dos anos 80 (DANIEL, 2013b).

⁴ Categoria amplamente empregada pelas pessoas peruanas, principalmente quando não querem se identificar racialmente. Jaime empregou o termo referindo-se à maior proximidade de sua mãe à categoria branca do que outras categorias racializadas negativamente, como os afro-peruanos e indígenas.

A análise que Enrique faz sobre a conexão entre a migração interna e a emigração no Peru dialoga com a minha experiência de campo com imigrantes peruanos nos Estados Unidos, no Brasil e com peruanos no Peru. Não apenas Enrique, mas uma grande parte dos peruanos com quem interagi ao longo desses anos têm familiares ou amigos próximos no exterior, principalmente Estados Unidos, Espanha e Itália. Muitos deles também têm um histórico de migração interna na família, com os pais ou avós oriundos de localidades diferentes daquelas onde eles atualmente residem. Na pesquisa que Daniel (2013a) realizou com peruanos que foram para o Rio de Janeiro como estudantes, havia entre eles casos de pessoas que migraram para estudar, já que seus locais de origem não ofereciam o nível de educação ou curso que eles gostariam de realizar.

No caso de Amanda e de Jaime, suas histórias familiares também são marcadas pela migração interna e internacional, que, no caso de Jaime, precede a sua própria decisão de emigrar. Entretanto, o fluxo da migração interna afro-peruana tem características particulares. As populações afro-peruanas historicamente habitam a costa do país, principalmente a área que se estende do Sul de Lima, o departamento de Ica, até o departamento de Tumbes, no litoral norte, fronteira com o Equador. Tal localização se relaciona ao histórico da escravização no Peru, quando as populações africanas foram sequestradas como escravizadas para se dedicar ao trabalho agrícola ao longo do litoral peruano (GATES, 2011). Ainda nos dias atuais, estas localidades que historicamente abrigaram populações de africanos escravizados concentram comunidades afro-peruanas. Algumas dessas comunidades ganharam projeção nacional e internacional pelas manifestações culturais de origem negra elaboradas por suas comunidades afro-peruanas⁵, como são o caso de Cañete e Chincha, locais de origem das avós de Jaime e Amanda.

No meu trabalho de campo com peruanos no Rio de Janeiro, muitas vezes encontrei peruanos que me disseram que, se eu fosse peruana, eu seria de Chíncha. Eles me explicavam que Chíncha era o lugar onde estavam as “pessoas como eu”, referindo-se ao tom da minha pele, ao meu cabelo e ao meu corpo curvilíneo. Muitas vezes, eles me contaram que Chíncha abrigava grandes festivais com muita música e dança afro-peruana. Certa vez, um peruano da Serra do país, com evidentes traços fenotípicos indígenas que vendiam bijuterias num shopping perto da minha casa comentou: “as pessoas em Chíncha são muito felizes, assim como você”. Em 2013, visitei Chíncha com uma amiga do grupo de danças peruanas do qual fiz parte no Rio de Janeiro. Na viagem, fomos à Casa da Família Ballumbrosio, importante família na difusão das artes afro-peruanas. Devido à intensa visita de turistas peruanos e estrangeiros, a família construiu uma espécie de museu na sala da casa. Fomos recebidas pelo filho mais novo, Roberto Ballumbrosio. Roberto tem traços fenotípicos marcadamente negros, inclusive com a pele mais

⁵ A localização das comunidades afro-peruanas no território do país tem seu reflexo na política de Estado. Em 2016, foi criado o Grupo de Trabajo para Población Afroperuana (GTPA), conselho formado por representantes de organizações afro-peruanas com o objetivo de assessorar a implementação de políticas públicas para a população afroperuana dentro do marco do *Plan de Desarrollo de la Población Afroperuana* (Plan DEPA). Na gestão do GTPA de 2019, os representantes eleitos eram todos oriundos da Costa do Peru.

escura que a minha. Na agradável e acolhedora conversa com Roberto, depois de contar como eu me aproximei da cultura afro-peruana e da sua importância para a construção da minha identidade negra e latinoamericana, perguntei como era ser negro no Peru. Ele me respondeu que, muitas vezes quando está em Lima, ele é abordado pela polícia, que pergunta se ele é estrangeiro. Ele também contou que, como em Chincha há poucas oportunidades de trabalho, grande parte da população economicamente ativa passa a semana trabalhando em Lima e volta para passar o fim de semana em Chincha.

A reflexão sobre a imigração de peruana como um processo da “cultura migratória” é importante, porque questiona as interpretações pragmáticas, individualistas e economicistas que enxergam os fluxos migratórios como um cálculo racional que o indivíduo faz do que ele tem a ganhar e a perder permanecendo no país de origem ou indo para o exterior. A noção de “cultura migratória” desenvolvida por Enrique indica que a imigração é, muitas vezes, construída em diálogo com projetos familiares e comunitários que vislumbram a saída do local de origem como abrir novos não apenas para a pessoa migrante, como indivíduos, mas para um coletivo. No caso de Enrique, mais de 10 anos depois de sua chegada à cidade, foi a vez da sua irmã mais nova fazer o mesmo trajeto de se tornar uma universitária no Rio de Janeiro. Debates sobre as múltiplas dimensões da imigração, como um fato social total (SAYAD, 1998), o transnacionalismo e a construção de redes entre o lugar de origem e o local de destino são exemplos de como a imigração pode ser analisada como um processo que envolve múltiplas localidades, temporalidades e projetos de vida. No entanto, ainda são escassas as abordagens que incluem o racismo como estrutura que baliza também os fluxos migratórios. No caso afro-peruano, discutir o seu fluxo migratório na contemporaneidade nos exige também reconhecer os impactos do racismo não apenas na diáspora do período colonial, quando africanos foram escravizados em terras peruanas, mas também nos fluxos migratórios das pessoas afro-peruanas hoje. Tal reflexão nos possibilitaria compreender as formas como as pessoas afro-peruanas se reafirmam como negras e peruanas dentro do Peru e também no exterior.

O TORNAR-SE AFRO-PERUANA COMO UM PROCESSO DIASPÓRICO: IDENTIDADE NACIONAL E RACIAL NO CONTEXTO DE IMIGRAÇÃO

Amanda cresceu com sólidas referências peruanas, aprendidas com seus pais e os familiares tanto no Peru quanto nos Estados Unidos. Uma significativa parte de seus parentes imigraram para os Estados Unidos através do sistema da reunificação familiar. Entre eles, sua avó. Desde que Amanda tinha 7 anos, a avó morou com ela. Com a avó, aprendeu a cozinhar comida peruana, importante diacrítico na identidade peruana no exterior (DANIEL, 2013a). Antes da sua família estendida se mudar para os Estados Unidos, Amanda costumava visitá-la no Peru. Na visita que fez ao Peru quando tinha 13 anos, ela começou a imaginar como teria sido sua vida se seus pais não tivessem emigrado. Ela concluiu que teria tido menos

oportunidades para se desenvolver, menos oportunidades de estudo e trabalho. Com gratidão, ela celebra a coragem dos pais em deixar o Peru. Emocionada, se orgulha de tudo o que eles alcançaram para si, para ela e para os outros membros da família.

Quando entrou na faculdade, Amanda sentiu a necessidade de se conectar com outras pessoas peruanas. Seguindo a tradição estadunidense de se mudar da casa dos pais para morar próximo à universidade, a jovem encontrou acolhimento no clube⁶ peruano. Amanda interpreta sua entrada no clube peruano como uma busca por referências conhecidas mais amplas das que tinha no contexto familiar. Para ela, esta foi a oportunidade de se conectar com outros e outras jovens que também se identificavam como peruanos e peruanas, mas que também tinham vivências de *peruanidad* diferentes. No grupo, alguns e algumas integrantes tinham nascido no Peru, mas migrado para os Estados Unidos quando criança. Outros e outras tinham chegado no país há pouco tempo para fazer a faculdade e, pela primeira vez, se deparavam de forma consciente com o racismo. Ela e outra colega eram as únicas nascida nos Estados Unidos que se identificavam como peruanas.

Amanda também teve na dança um importante referente para se incorporar ao clube peruano. Desde criança, ela acompanhava os pais, que participavam de uma associação de imigrantes peruanos na Califórnia, onde moravam. Sua mãe se ofereceu para dar aulas de danças afro-peruanas na associação. Assim, Amanda aprendeu as danças por meio das quais sua mãe construiu sua identidade racial como afro-peruana. No clube peruano na sua universidade, Amanda resgatou o capital associativo que aprendeu com os pais, com a experiência em danças que aprendeu com a mãe. Ela então assumiu a missão de ensinar as danças afro-peruanas aprendidas com sua mãe para seus colegas de clube. Amanda lembra que o ponto alto do clube foi o ano em que eles conseguiram realizar um curso extracurricular independente valendo créditos. Ela foi uma das participantes do grupo a dar aula no curso, o que a levou a estudar mais da história peruana para além da realidade afro-peruana. Amanda lembra da experiência com carinho, recordando o quanto aprendeu com o processo.

Ao mesmo tempo que Amanda construía sua identidade como peruana nascida no exterior, ela se assumia como afro-peruana, ensinando sobre a *afroperuanidad* para seus colegas peruanos não-negros e incorporando a *afroperuanidad* como parte do Peru. Amanda, portanto, contribuía para a expansão do imaginário do que é ser peruano, em termos raciais, étnicos e, inclusive nacionais. Seus traços fenotípicos visivelmente negros ampliavam a imagem hegemônica de como seria um/a peruano/a. O fato dela ter nascido nos Estados Unidos e, portanto, ser cidadã americana, desafia uma noção de nacionalidade exclusivista, que restringe a dimensão subjetiva da identidade nacional à sua dimensão jurídica.

⁶ Os chamados “clubes” são importantes espaços na sociabilidade estadunidense. Um “clube” é formado por um grupo de pessoas que compartilham do mesmo interesse e se encontram periodicamente para explorá-lo. Na primeira vez que eu estudei numa universidade estadunidense, em 2003, eu participei do clube de karatê. Os encontros eram uma vez por semana para praticar o esporte

“ME GRITARAN NEGRA”: AFROPERUANIDAD COMO UMA EXPERIÊNCIA AMEFRICANA

Nos tempos de faculdade, Amanda encontrou no clube peruano o espaço para se sentir parte. Hoje ela não participa de espaços de sociabilidade peruanos. Ela já não tem interesses comuns com peruanos, preferindo conviver com negros e negras de ascendência latino-americana ou estrangeira. Ela se sente mais à vontade com pessoas negras que, assim como ela, não são completamente acolhidos pelos negros estadunidenses, por não compartilharem as mesmas referências culturais que eles, mas também lidam com a anti-negritude⁷ no seu dia-a-dia nos Estados Unidos. Ela dá como exemplo o fato de que quando conta para suas amigas estadunidenses brancas que as pessoas têm muita curiosidade sobre seu cabelo, às vezes pedindo-lhe para tocá-lo, as amigas ficam surpresas, incrédulas de que isso pudesse ser real. Em contrapartida, com outras mulheres negras, ela pode compartilhar este mesmo episódio e ser compreendida. Provavelmente sua interlocutora negra também já terá passado por algum episódio similar. Foi nesse contexto que nos conhecemos e Amanda aceitou ser entrevistada por mim.

No meu trabalho de campo nos Estados Unidos, encontrei muita dificuldade de me aproximar de peruanos. Ser uma mulher fenotipicamente negra com cabelo crespo natural foi um dos motivos que afastavam os peruanos de mim. Ao me ver, imaginavam que eu era afro-estadunidense: minha aparência e, principalmente meu cabelo crespo natural eram interpretados como uma identidade política mais comum entre afro-estadunidenses que entre pessoas afrolatinas (DANIEL, 2019).

Amanda e eu nos conhecemos em eventos afro-latinos. Nos sentíamos à vontade entre outras pessoas negras de origem latina. Em contrapartida, isto também poderia significar que não nos sentíamos tão à vontade nem entre pessoas negras estadunidenses, nem entre latinas não-negras, os dois grupos racializados que, em tese, estariam mais próximos da nossa experiência nos Estados Unidos.

No caso de Jaime, a construção de sua identidade afro-peruana foi um processo individual de busca de informação que nutriu seu autoconhecimento. Como já mencionei anteriormente, Jaime tem suas origens numa família interracial: seu pai era negro e sua mãe é *mestiza*. Jaime é o mais velho de três irmãos. Seu irmão do meio também é negro, mas sua irmã caçula é *mestiza*, filha do segundo casamento de sua mãe. A primeira vez que Jaime se percebeu negro foi aos 5 anos de idade. Até aquela data, ele apenas se reconhecia como um menino como qualquer outro da mesma idade. Um dia, quando estava no jardim de infância, um colega de turma se aproximou o chamou de “negro”. Pelo peso como a palavra foi lançada, o colega deixou claro sua intenção de ofender Jaime. Triste com

⁷ O conceito de anti-negritude desenvolvido por autores como Vargas (2020) explique a o racismo anti-negro é uma experiência muito particular que não pode ser comparada a nenhum outro tipo de racismo. Ao contrário de outros racismos, o racismo anti-negro tem como base a morte social do negro. Todo o sistema implementado desde a escravidão reproduz como lógica a eliminação do negro, o que fundamenta ontologicamente a modernidade. Todos os outros identidades raciais têm como referência seu anseio de não ser negro.

o golpe do colega, Jaime começou a chorar. Intervindo na situação, a professora se dispôs a consolá-lo. Pegando sua mão, ela o levou até a caixa onde estavam guardados os materiais de pintura. Ela revirou a caixa até encontrar um lápis de cor preto. “Essa é sua cor?”, perguntou a professora, posicionando o lápis ao lado do braço de Jaime. “Não”, respondeu o menino. “Então você não precisa chorar, porque você não é negro”, declarou a professora, dando o caso como encerrado. A intervenção da professora, apesar de bem intencionada, negou a Jaime a possibilidade de, primeiramente, afirmar-se como negro e, em segundo lugar, validar o sofrimento de se deparar com o racismo. A negação dos sentimentos das crianças negras é um dos processos de aniquilamento da subjetividade provocado pelo racismo (HOOKS, 2010).

A primeira experiência de racismo aberto vivida por Jaime em muito se assemelha à história que a renomada artista e intelectual afro-peruana Victoria Santa Cruz compartilha no poema “Me gritaron negra”. Nele, Victoria conta como se deparou com o racismo e o impacto que isso provocou nela. A primeira vez que ela se viu “negra” foi quando uma menina nova chegou no bairro e disse a todas as outras crianças que não queria brincar com Victoria porque ela era negra. Inicialmente, Victoria não deu importância à novidade. Mas, ela se surpreendeu que os seus e suas colegas acataram ao veredito da menina, negando-se a brincar com Victoria. No poema, a autora relata como ao longo da vida tentou se branquear, escondendo a pele em maquiagem e alisando o cabelo. Até que um dia, ela se rebelou contra às vozes que gritavam “negra” em sua cabeça. Ressignificando o termo, o eu lírico do poema transforma o “negra”, que foi usado como xingamento no início da história, numa identidade racial, uma palavra que expressa autoaceitação, autorreconhecimento e orgulho.

“Me gritaron negra” é uma obra que tem um significado muito crucial para ao reconhecimento da população negra não apenas no Peru, mas também de outros países da América Latina. Inúmeras versões do poema estão publicados no *youtube* recitadas pela própria Victoria e também por outras mulheres negras. A versão mais assistida tem 1,7 milhões de visualizações. Nela, Victoria recita o poema acompanhada do seu grupo de dança e teatro, o *Teatro y Danzas Negras del Perú*, que ela fundou depois de passar uma temporada realizando estudos universitários em Paris. Também abundam na rede versões do poema legendadas em inglês e outras interpretações realizadas por mulheres negras de diferentes países, inclusive algumas delas traduzidas em português.

Meu primeiro contato com “Me gritaron negra” aconteceu em inícios de 2012, quando eu realizava o trabalho de campo com imigrantes peruanos que deu origem a minha tese de doutorado. Eu comecei a participar do Grupo Sayari Danzas Peruana, conjunto de dança formado por estudantes peruanos no Rio de Janeiro. No final de um dos ensaios, um integrante me falou de Victoria Santa Cruz, que até então eu não conhecia, do poema e do seu sonho que apresentar o poema. Mas, como nenhum dos grupos de danças folclóricas que ele participou - no Peru e no Brasil - teve uma integrante negra, ele tinha desistido da ideia. Ele

não achava apropriado que alguém que não fosse uma mulher negra recitasse o poema. Como primeira mulher negra a integrar o Grupo Sayari, fui convidada a realizar a performance da obra de Victoria Santa Cruz. Apesar de não ser peruana, como mulher negra eu me identifiquei muito com o poema. A história que Victoria contava em seus versos tinha muito a ver com minha própria história, principalmente na luta que travei ao longo da vida com meu cabelo crespo até passar pela transição capilar em 2014.

Ao mesmo tempo, a primeira vez que Jaime se deparou com o racismo muito se assemelha à experiência de Victoria Santa Cruz relatada em seu poema. Ele também era criança quando isso aconteceu. No entanto, Jaime faz referência à obra quando reflete sobre a imagem limitada do negro na história oficial do Peru. Ele lembra que, na escola, os africanos e seus descendentes no Peru eram representados nos livros didáticos exclusivamente como escravos. Tal representação provocava um apagamento das contribuições dos africanos escravizados à sociedade peruana e um grande incômodo no rapaz. Jaime reflete que esta falta de conhecimento da história dos afro-peruanos fomentado inclusive pelas instituições de ensino oficiais, combinada com as experiências de racismo nas relações cotidianas, provocam nos negros e negras uma angústia de não saber quem são, não ter referência de suas verdadeiras origens. Ele pondera que a pessoa racializada como negra que não tem acesso à informação sobre a história negra não tem as ferramentas para enfrentar o racismo:

enquanto a pessoa não tem a informação, ela recua e recua diante do racismo. Mas quando a pessoa se dá conta que nós também temos história, que fizemos coisas maravilhosas e contribuimos para nossas sociedades não só no esporte, na música ou na comida, nossa autoestima cresce, nossa segurança cresce e vamos avançando na vida⁸.

No seu caso, a falta de acesso ao conhecimento sobre as populações negras no Peru que pudesse servir como ferramentas contra o racismo esteve associada tanto às especificidades de sua trajetória familiar quanto à questões estruturais. Além da sua realidade familiar, em que não havia um espaço propício para ele conhecer mais profundamente a trajetória de sua ascendência afro-peruana, Jaime se deparava com as informações limitadas e as imagens estereotipadas das populações negras nas instituições oficiais peruanas e na mídia de massa.

Quando estava na escola secundária⁹, com idade entre 11 e 13 anos, ele começou se questionar sobre a representação dos afro-peruanos nos livros didáticos. Jaime ainda tinha que lidar com os estereótipos de que os negros devem ser jogador de futebol, como seu pai, que era sua referência mais próxima de homem negro.

⁸ Tradução da autora.

⁹ O ensino secundário peruano corresponderia ao Ensino Médio brasileiro.

A CONSTRUÇÃO DA AFROPERUANIDAD NO PERU

Os questionamentos que começaram a inquietar Jaime no ensino médio foram a mola propulsora para que o adolescente começasse a construir seu próprio caminho para descolonizar seus conhecimentos sobre as populações de origem africana no Peru e sua própria trajetória como afro-peruano. Jaime cresceu se questionando: “sempre me questionava por quê os negros têm que ser dançarinos, por quê os negros têm que ser atletas, por quê os negros não podem ser algo mais¹⁰”.

Da inquietação nutrida solitariamente na adolescência, Jaime começa a olhar criticamente tanto para os estereótipos anti-negros propagados na sociedade peruana, mas também sobre a sua própria história, já que seu pai, sua referência negra na família, tinha sido jogador de futebol. Apesar de exercer uma profissão que possibilita a ascensão social de muitos homens negros, no Peru e transnacionalmente, mas também é usada como um estereótipo racista, o pai de Jaime estudou Jornalismo e incentivava o filho a vislumbrar caminhos profissionais que não fossem o do esporte. Jaime cresceu num bairro próximo à PUC-Perú. Sempre que ele e o pai passavam em frente à universidade, o seu pai lhe apontava o campus e dizia: “É aqui que um dia você vai estudar”. Anos mais tarde, a profecia se cumpriu. Jaime ingressou na PUC-Perú para cursar Direito.

Na universidade, Jaime aprofundou seu anseio de conhecer a história, não apenas dos afro-peruanos, mas também dos africanos na África que as instituições oficiais de ensino do Peru não contavam. Mais uma vez, agora na universidade, ele se deparou com uma estrutura curricular em que não havia referências negras. No espaço universitário, ele encontrava poucos alunos e professores “visivelmente negros” com quem pudesse se identificar. É nesse contexto que Jaime começa a investigar a história dos afro-peruanos e, assim, se engajar no movimento organizado de jovens afro-peruanos. Referindo-se mais uma vez ao poema de Victoria Santa Cruz, Jaime reflete que, sem informação que confronte o racismo, os negros recuam. Entretanto, o próprio poema oferece uma saída limitada diante do racismo que é simplesmente se afirmar como negro. Jaime entende a importância da resposta de Victoria Santa Cruz, contextualizada num momento histórico em que o acesso à informação era limitado, mas ressalta a urgência de que as pessoas negras pesquisem sobre seu passado, sobre a produção de conhecimentos empreendida pelos africanos no continente e na diáspora.

Jaime então começou a pesquisar e se deparou na universidade com muitas fontes importantes da história peruana que reproduziam os mesmos estereótipos com que ele conviveu ao longo da sua trajetória escolar pré-universitária. Diante disso, ele começa a buscar outras referências. Na sua busca, Jaime conheceu o Centro de Desarrollo Étnico - CEDET, organização afro-peruana criada nos anos 1990 que se consolidou na produção de conhecimento sobre os afro-peruanos. Jaime se lembra que, no início dos anos 2000, quando ele estava na faculdade, o CEDET organizou uma série de eventos sobre as populações negras

¹⁰Tradução da autora.

na América Latina. Estes eventos foram impulsionados no contexto do pós-conferência de Durban¹¹.

Este foi um momento em que o movimento afro-peruano estreitou laços com pesquisadores e ativistas negros de outros lugares do mundo. Num dos eventos que assistiu, Jaime conheceu, por exemplo, Chucho García, ativista afro-venezuelano - para quem Jaime me apresentou num evento na Organização dos Estados Americanos -, e a Mbare Ngom, professor senegalês que desde os anos 90 desenvolve pesquisa sobre literatura afro-peruana. Mbare Ngom trabalha na Morgan State University, universidade localizada em Baltimore, EUA, que integra a liga de universidades historicamente negras¹².

No contexto pós-Durban, cresceu no Peru o reconhecimento da necessidade de renovação do movimento afro-peruano por meio do incentivo ao engajamento político de jovens a partir de suas próprias vivências. Assim, o CEDET lançou um curso de formação voltado para jovens, cujo objetivo era prepará-los teórica e politicamente para a luta antirracista negra no Peru. Jaime participou desse curso junto com outros jovens afro-peruanos, grande parte deles filhos e sobrinhos de militantes afro-peruanos das gerações anteriores. Desse curso de formação, os jovens participantes criaram uma organização afro-peruana que tinha como foco empreender uma luta antirracista por meio da educação e da visibilidade à afro-peruanos bem-sucedidos. Assim, o grupo almejava criar outras referências afro-peruanas, principalmente para as crianças e jovens para além dos estereótipos da dança, da música, da comida e do esporte. A organização elaborou então um prêmio de destaques afro-peruanos em diferentes categorias profissionais para dar visibilidade aos afro-peruanos que, apesar das estruturas racistas, conseguiram acessar espaços de poder. A organização também criou um almoço beneficente para arrecadar fundos com o objetivo de financiar bolsas de estudos para jovens afro-peruanos.

ATIVISMO NEGRO E INTERNACIONALIZAÇÃO

A partir do seu envolvimento político com a questão racial no Peru, Jaime começou a unir a militância com sua formação profissional, como bacharel em Direito. Ele participou de projetos com jovens em áreas marginalizadas até chegar ao campo dos direitos humanos. A partir da experiência que foi construindo, Jaime foi convidado a trabalhar com uma liderança do movimento indígena peruano. Ela foi a responsável por abrir seu caminho para se integrar ao movimento de direitos humanos para além das fronteiras peruanas. Neste trabalho, Jaime oferecia assessoria na área de direitos humanos e, assim, começou a viajar para

¹¹Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância organizada pelo ONU em Durban, África do Sul, em 2001.

¹²A liga das Universidades e Faculdades Historicamente Negras - Historically Black Colleges and Universities (HBCU) é composta por instituições de ensino superior criadas nos Estados Unidos no período em que vigoravam as leis de segregação racial. Estas instituições recebiam os alunos negros proibidos de ingressar nas instituições de ensino superior brancas. As HBCU's ainda hoje mantêm como característica a massiva predominância de alunos, professores e funcionários de origem negra.

participar de eventos no exterior. Jaime pontua a importância desse trabalho com esta liderança indígena na internacionalização da sua trajetória profissional. Ela lhe abriu um horizonte que até então não estava disponível para ele, apoio que ele não encontrou na militância afro-peruana.

Jaime ressalta que a internacionalização da sua carreira foi sua oportunidade para desenvolver-se profissionalmente, continuar atuando na militância, mas também ter meios econômicos para se sustentar de forma digna. Refletindo sobre a realidade do mercado de trabalho peruano, Jaime aponta a fragilidade das opções de trabalho no Peru para aqueles que querem se dedicar à militância em tempo integral, já que não se construiu no país uma profissionalização desse tipo de trabalho. Ele dá como exemplo a profissionalização do ativismo negro no Brasil: instituições como o Geledés, que contratam profissionais até com doutorado, que podem desenvolver uma carreira, ao mesmo tempo que fazem militância.

Jaime se candidatou a uma bolsa para realizar um curso em Direitos Humanos e o coordenador do curso gostou muito de sua participação. Ao final do curso, ele o convidou para realizar um trabalho de consultoria em direito internacional voltado para afrodescendentes e indígenas numa organização interestatal cuja sede está em Washington D.C. A consultoria duraria 6 meses. Jaime aceitou o convite. Em 2009, ele embarcava para os Estados Unidos. O trabalho de consultoria se transformou numa estadia mais longa. Jaime recebeu um novo convite para permanecer na organização, onde trabalha até hoje. Antes de começar sua trajetória nos Estados Unidos, ele planejava realizar um mestrado no Brasil, país com o qual mantém um íntimo diálogo. Por isso, ele começou a estudar português ainda no Peru.

VISÍVEL PARA QUEM?: A CONSTRUÇÃO DA AFROPERUANIDAD

A discussão sobre o papel que o fenótipo e o genótipo desempenham na construção das identidades negras na diáspora tem uma grande relevância, principalmente no processo de definição dos sujeitos de direito das políticas públicas para populações negras. No caso brasileiro, no qual estou inserida, a discussão sobre as fraudes na implementação das cotas nas universidades, por exemplo, tem mobilizado a reflexão sobre como o racismo afeta as oportunidades dos indivíduos racializados, principalmente se eles apresentam traços fenotípicos negros e indígenas evidentes. Assim, indivíduos fenotipicamente brancos no Brasil encontram mais privilégios, mesmo que um de seus progenitores seja negro. Muitas dessas pessoas nunca reivindicaram uma identidade racial negra até a implementação de políticas de ação afirmativas para negros e indígenas. Por outro lado, o colorismo tem ganhando mais espaço no debate entre a população negra.

No caso peruano, onde a população de ascendência africana é numericamente pequena e também contou com uma política de branqueamento através da miscigenação, as pessoas que são socialmente lidas como afro-peruanas - e por isso estão mais expostas ao racismo anti-negro - podem apresentar traços

fenotípicos ainda mais diversos do que a população negra brasileira, muitas vezes também combinados com traços fenotípicos de outros grupos étnico-raciais, como indígenas, chineses e japoneses. Segato (2005) nos lembra que a raça é um signo que remete às marcas da dominação colonial que os indivíduos levam no corpo. Estas marcas são lidas em cada contexto histórico e social. Por isso, pessoas que são socialmente lidas como negras no Peru, inclusive sofrendo com o racismo, podem não ser lidas da mesma maneira em outros países.

Amanda lembra que, além dela, havia outra afro-peruana no clube peruano que ela ajudou a fundar na faculdade. Porém, sua colega de clube tinha a mãe negra e o pai branco. Diferentemente de Amanda, cujo o pai e mãe são negros, tem traços fenotípicos negros evidentes e se identifica publicamente como afro-peruana, sua colega de grupo não afirmava publicamente uma identidade afro-peruana e não tinha traços fenotípicos tão evidentes, tendo inclusive “*pelo suelto*”¹³. Amanda conta que descobriu que a colega era afro-peruana quando, um dia, ela mostrou uma foto dos pais. A mãe da colega tinha traços fenotípicos marcadamente negros. A relação de Amanda com sua colega afro-peruana que não assumia uma identidade pública como tal nos apresenta algumas questões importantes nas negociações sobre o tornar-se afro-peruana que envolvem o corpo, a genealogia e o posicionamento político.

Amanda “descobriu” que a colega era afro-peruana quando viu uma foto. Essa “descoberta” pressupõe que, primeiro, a colega não tinha no seu corpo traços fenotípicos negros tão visíveis e, por isso, sua ascendência africana não estava tão nítida. Em segundo lugar, a colega não assumia uma identidade afro-peruana pública, o que possibilitaria que ela fosse identificada como tal, apesar do seu fenótipo. Ao mesmo tempo, ao ver a mãe da colega, Amanda reconheceu a colega como afro-peruana. Isto significa que Amanda aceita o genótipo - e não apenas o fenótipo - como critério de afirmação da *afroperuanidad*.

Quando Jaime menciona a reduzida presença de alunos e professores “visivelmente negros” na sua universidade, ele nos permite refletir sobre uma questão importante na construção da *afroperuanidad* que é a ambiguidade entre se reconhecer como afro-peruano e apresentar características fenotípicas negras e, por isso, ser reconhecido como tal. Os peruanos que apresentam características fenotípicas negras estarão mais expostos às demonstrações de racismo, como a que Jaime sofreu quando criança. Muitos desses peruanos visivelmente negros preferem não assumir uma identidade afro-peruana, optando por se identificar como *mestizos* ou simplesmente como peruanos. Acreditando que o racismo é uma problema de ignorância pessoal, eles consideram que a melhor forma de combatê-lo é evitando falar sobre. Para os peruanos racializados, a estratégia de não falar sobre o racismo e não construir uma identidade racial politizada pode representar uma tentativa de se sentir parte da sociedade peruana. Em contrapartida, os peruanos que se reconhecem como afro-peruanos mas não apresentam traços fenotípicos tão marcadamente negros provavelmente não enfrentam

¹³Expressão para se referir ao cabelo não-crespo. O *pelo suelto* pode ter variações de textura e forma, variando do ondulado ao completamente liso.

expressões tão diretas de racismo. Entretanto, alguns deles têm se somado à luta contra o racismo anti-negro no Peru, tanto no nível micro quanto no macro.

O engajamento político de afro-peruanos que não são visivelmente reconhecidos como negros no Peru e no exterior nos permite pensar, de um lado, a importância da representatividade dos corpos visivelmente negros ocuparem os espaços de poder no Peru. Tal representatividade pode se tornar uma forma de combater os estereótipos e criar referentes negros para além da música, da dança, do esporte e da cozinha. De outro, o engajamento político de pessoas afro-peruanas com poucos traços fenóticos negros visíveis pode contribuir para o combate ao racismo, por exemplo, se somando à luta pela elaboração de políticas públicas antirracistas na educação, contra o silenciamento sobre a reprodução do racismo no Peru contemporâneo e contra o apagamento das referências negras em sua própria história.

No processo de politização da identidade negra no Peru pós-Durban, a construção de uma identidade em torno do conceito de “afrodescendente” desempenhou um papel de extrema relevância para ampliar as possibilidades de engajamento político de peruanos que reconhecem suas heranças africanas, mas nem sempre são visivelmente reconhecidos como negros nas suas interações cotidianas. Daniela, por exemplo, se reconhece como afro-peruana. Ela mora em Washington D.C, trabalha numa organização internacional e é amiga de Jaime - os dois militaram juntos na organização de jovens afro-peruanas e afro-peruanos em Lima. Ela comentou que, muitas vezes, as pessoas no Peru dizem que ela não é negra porque ela tem o “pelo suelto”, assim como a colega de Amanda. Daniela respondeu que o problema é a imagem limitada que as pessoas têm do que é ser “negro”. Como forma de evitar o apagamento da sua ancestralidade africana, mas também reconhecendo a presença de outras ascendências em sua história familiar, Daniela prefere não se declarar negra, mas sim afrodescendente e afro-peruana.

PARA ALÉM DO QUE SE VÊ: SOLIDARIEDADE NEGRA ENTRE PERU E BRASIL

Outra questão importante para pensarmos o processo de construção da identidade afro-peruana se refere à percepção de quem vê. Como cada país teve uma história particular de dominação colonial, cada sociedade elaborou lentes próprias através das quais leem os corpos. Jaime, por exemplo, se identifica e é identificado como afro-peruano no Peru, mas, no Brasil, ele muitas vezes não é visto como negro. Desde que se engajou na militância negra, ele construiu uma relação de diálogo com o Brasil. Na sua interação com negros brasileiros, repetidas vezes ele foi questionado sobre sua negritude. Sua pele clara e seu nariz afilado são lidos como mais próximos do branco do que do negro. Por isso, ele não estaria exposto às mesmas discriminações que os negros com mais traços fenóticos negros, o que, para muitos, seria essencial para a construção da identidade negra na diáspora.

Quando Mbare Ngom, então meu supervisor de pós-doutorado, me passou o contato de Jaime, se referindo a ele como um “ativista afro-peruano”, automaticamente eu o imaginei como um homem negro de pele escura, do mesmo tom da minha, ou mais escura. Eu enviei um e-mail para Jaime, contando sobre minha pesquisa e minha conexão com o Dr. Ngom. Jaime prontamente me respondeu de maneira muito solícita, muito diferente dos outros contatos peruanos. Eles costumavam demorar semanas para me responder e, quando o faziam, demonstravam uma severa frieza. A primeira conversa entre Jaime e eu aconteceu apenas um dia depois que eu lhe enviei o primeiro email.

Gentilmente, Jaime me convidou para ir ao seu escritório em Washington D.C na fria manhã de 10 de fevereiro de 2016. “Bom dia, tudo bem?”, ele me cumprimentou em português, quando me aproximei de sua sala. Estas simples palavras em português me tranquilizaram. Aquela era a primeira entrevista que eu faria nos Estados Unidos, duas semanas depois de chegar para realizar uma pesquisa de pós-doutorado sobre como os peruanos se identificam racialmente em diferentes contextos nacionais. Eu ainda não sabia muito bem como começar minha pesquisa e estava com dificuldades em lidar com a mudança de país, a cidade, ao sotaque de Baltimore, cidade onde eu morava e está localizada a Morgan State University, a universidade que me recebeu, e o frio. Continuamos a conversa, mas agora em espanhol. Ao longo da conversa, ele usava a primeira pessoa do plural “nosotros¹⁴” enquanto relatava um pouco sobre sua experiência como homem negro latino-americano percorrendo diferentes espaços de poder nas Américas, relacionando-a com a minha. Ele tinha certeza que nós tínhamos histórias similares para contar, apesar daquela ser nossa primeira conversa. Fiquei comovida pelo acolhimento que Jaime me ofereceu, ao mesmo tempo em que mantínhamos a formalidade do contexto da entrevista.

Além de ser tão jovem como eu, fiquei surpresa por Jaime ter a pele clara. Quando ele me contava como muitas pessoas negras no Brasil não o reconheciam como negro, eu fiquei pensando que eu poderia ter sido uma deles. Ao mesmo tempo, quando ele me contou que a primeira experiência de racismo da qual se recorda aconteceu quando ele tinha 5 anos, fiquei analisando o fato de que eu não tinha passado por uma demonstração de racismo tão explícita quando eu era criança. Depois dessa primeira conversa, Jaime continuou contribuindo com minha pesquisa, me colocando em contato com outros amigos afro-peruanos, ativistas afro-latinos, compartilhando bibliografia e, principalmente, se tornando um amigo.

Jaime concorda que ele não recebe o mesmo tratamento que um negro com mais traços fenotípicos negros, seja no Brasil, no Peru ou nos Estados Unidos. Por outro lado, ele também questiona a dificuldade de muitos negros brasileiros em dialogar com a negritude em outros países na América Latina, sobretudo com aqueles onde a população negra sofre como minoria numérica e política, como o Peru, mas ainda sim criam estratégias para serem reconhecidos como afrodescen-

¹⁴“Nós” em espanhol.

dentos. Na sua experiência, ele se deparou com a dificuldade de muitos negros brasileiros de compreender que a experiência negra brasileira não pode ser o padrão de referência da negritude em toda América Latina. Esta era uma dificuldade que ele, assim como eu e Amanda encontrávamos também na relação com os e as afro-estadunidenses, que muitas vezes se consideravam a referência de negritude para todo o mundo, como já apontava Lélia Gonzalez (1988).

Na relação de pesquisa e de amizade que Jaime e eu construímos, também encontrei o terreno propício para questionar as minhas noções pré-concebidas sobre negritude que embotavam as diferentes realidades e experiências do ser negro na América Latina, noções essas que desenvolvi como negra brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Casos como o de Jaime e Amanda nos coloca o desafio de como podemos construir redes de apoio político, acadêmico e afetivo diaspóricas em que somos capazes de reconhecer as particularidades da colonialidade - do poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2000) - em cada um de nossos países. Parte deste processo envolve compreender os impactos da colonialidade na maneira como nossos corpos são lidos socialmente e, a partir desta leitura, são posicionados nas estruturas de poder. A proposta de Leila Gonzalez de pensarmos as Américas a partir da "amefricanidade", nos apresenta uma possibilidade de construirmos uma conexão transnacional decolonial, ou seja, não centrada na mentalidade eurocêntrica. Gonzalez explica que as populações africanas em diáspora nas Américas construíram formas culturais em cada país a ponto de influenciar as identidades nacionais. No entanto, a participação africana nas identidades nacionais nas Américas sofrem com o processo de branqueamento. Redes entre nós, pessoas negras brasileiras com pessoas negras de outros países carregam a potência de aprofundar a amefricanidade como projeto político contra-hegemônico que questiona o branqueamento ainda escamoteado das identidades nacionais latino-americanas que também se manifesta no exterior, como por exemplo, a identidade peruana elaborada nos Estados Unidos. Por outro lado, a amefricanidade também nos permite desenvolver as conexões negras também nos contextos de imigração, balizando nossas culturas migratórias e transformando nossas experiências migratórias numa possibilidade de consolidar redes amefricanas de apoio emocional, político e acadêmico, como a que Jaime me ofereceu nos Estados Unidos. Tais redes amefricanas nos Estados Unidos possibilitam às pessoas afro-peruanas desafiar o imperialismo do sistema-mundo que, na relação com a negritude, coloca a experiência negra estadunidense como referência, se reconhecer como pessoas negra e peruana concomitantemente e explorar sua experiência migratória e cultura migratória familiar para incluir as pessoas afrodescendentes e seus conhecimentos como parte da identidade nacional peruana.

REFERÊNCIAS

ALTAMIRANO, T. **Liderezgo y organizaciones de peruanos en el exterior: cultura trans-nacionales e imaginários sobre el desarrollo**. v. 1. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2000a.

_____. **Liderezgo y organizaciones de provinciano Lima Metropolitana: culturas migrantes e imaginários sobre el desarrollo**. v. 2. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2000b.

BERG, Ulla. **Mobile Selves: Race, Migration, and Belonging in Peru and the U.S.** New York: NYU Press, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, n. 1, v. 31, jan.-abr. 2016. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em: 18 de agosto de 2018.

DANIEL, Camila. 2019. **“Morena”: a epistemologia feminista negra contra o racismo no trabalho de campo**. *Humanidades e Inovação*, (16)6: 23-34. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1825>, acesso em 15 de dezembro de 2019.

_____. **P’á crecer en la vida: a experiência migratória de jovens peruanos no Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUCRJ, 2013a.

_____. **Novas rotas da migração sul-sul: o caso dos peruanos no Brasil**. *Travessia*, n. 25/73. p.31 -41. 25. 2013b

FELDMAN, Heidi C. **Ritmos negros del Perú: reconstruyendo la herencia musical africana**. Lima: IEP, 2009.

GATES, Henry Louis. Peru. **O sangue dos incas, o sangue dos mandingas**. (2011): (pp. 79 – 101).

GONZALEZ, Lélia. **A categoria polí co-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, no. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

HARRISON, Faye. 1995. **“The persistent power of “race” in the cultural and political economy of racism**. *Annual Review of Anthropology*, 24: 47-74.

HOOKS, B. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478. _____. **Vivendo de amor**. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso: março de 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NGOM, M. (2010). Introducción. **En La libertad inconclusa: entorno a la esclavitud, su abolición y los derechos civiles** (1 ed., pp. 9-18). Lima, Peru: CEDET.

PAERREGAAD, K. **Peruvians dispersed: a global ethnography of migration**. Plymouth: Lexington books, 2008.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. In: Edgardo Lander (comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246. Disponibilidade em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>>. Acesso em 23 de março de 2018.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

SEGATO, Rita. 2005. **Raça é signo**. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 372: 1-16. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/>

File/segatoracaesigno.pdf. Acesso em 23 de setembro de 2019.

VARGAS, João H. Costa. **Racismo não dá conta**: antinegitude a dinâmica ontológica e social definidora do modernidade EM PAUTA, Rio de Janeiro _ 1o Semestre de 2020 - n. 45, v. 18, p. 16 – 26.